

DEPOSTO 1974

OS RIDÍCULOS

Nº 207 - 17-10-74

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 7\$50

A LIMPEZA DAS FACHADAS FOI PORREIRINHO...

MAS O QUE EU GOSTAVA ERA

QUE ME DEIXASSEM

JAR UMAS VASSOURADAS

LÁ POR DENTRO

DE ALGUNS PRÉDIOS QUE

EU CÁ SEI!...



6 DE OUTUBRO 74

LEOPARDO



O presidente Ford depois de deitar contas à vida — que é uma coisa que todos nós fazemos — achou que a economia não anda nada bem. E numa conferência em Washington declarou que era preciso resolver o assunto a nível mundial.

Disse que ia haver uma grande conferência com todos os chefes de estado do mundo, para todos juntos deitarem contas à vida.

E se eles pensassem em gastar menos dinheiro em armamento e o aplicassem em coisas que dessem para o tacho?

Aqui pela América do Sul anda mais mexido que o rabo dum gato. Na Bolívia foi agora descoberta mais uma conjura. Os serviços secretos — boa gente! — prenderam um general, um advogado e um professor.

Disseram que eles queriam fazer uma revolução. E é claro, quem não pode fazer uma grande, faz uma assim só com três pessoas, uma de cada ofício...

Na Argentina as coisas também andam um bocadinho sarrafuscas. Mas não estejam preocupados: O ministro do Interior Argentino já declarou que não era caso para decretar o estado de sítio.

Que diabo! Por meia dúzia de tiritos aqui o chanfralhado acolá, ia-se lá agora declarar um estado de sítio!

E que, na opinião do ministro, na Argentina há uma força clandestina, chamada o A.A.A. que é a Aliança Anti-comunista Argentina; e que há também o Exército Revolucionário do Povo — o conhecido E.R.P.; e além disso há ainda os Montoneros.

Quem são eles? É simples: toda a gente o sabe! Os A.A.A. são guerrilheiros da extrema direita; os Montoneros são uma organização político-militar peronista; e o E.R.P. são da extrema esquerda.

Ora como eles se atacam uns aos outros, e lá vão resolvendo os seus problemas directamente, e sem precisar de intermediários, o ministro do Interior acha — e tem muita razão! — que não se justifica de forma alguma que se compliquem as coisas com um estado de sítio, que só servia para chatear as pessoas. Basta fazer um regulamento (que já está até feito) chamado a Lei anti-subversiva. Que serve para eles (os guerrilheiros) poderem saber como são as regras do jogo...

Na Itália as coisas também voltaram agora a aquecer. De resto aquilo lá sempre foi uma terra de boatos: basta ver-se que quem a governa é o Rumor... Pois agora certamente para ver se conseguem acabar com os boatos, quiseram abafar o Rumor.

Mas parece que houve à última hora quem tivesse dada à dica — uma coisa que é vulgaríssima e banalíssima, e não conseguiram agarrar nem deter o Rumor.

Pelo que é de esperar que continuem por lá os boatos habituais...

Em Inglaterra anda tudo entusiasmado com as próximas eleições. Sim, porque quando as pessoas andam a abrir a boca de tédio, além de andarem chateadas com o aumento do custo de vida, uma campanha de eleições é uma distração bestial.

Todos os dias há novos discursos, todas as tardes os cidadãos vão comentá-los para os "pubs" que é como quem diz as tascas, e acertar ideias para depois quando chegarem a casa, explicarem tudo muito explicadoinho às caras metades.

Que por sua vez as vão explicar às vizinhas, tudo na santa paz do senhor, desde que, evidentemente sejam todos trabalhistas, ou todos conservadores, ou para desempatar, todos liberais.

O que prova as grandes vantagens do pluralismo.

FABULAS

O boi estava tranquilamente a pastar num campo quando chegou ao pé dele um enorme sapo.

Claro, enorme... para sapo. Porque como toda a gente sabe e por muito que os sapos tenham a mania de inchar, ficam sempre muito longe do tamanho dos bois, mesmo que estes sejam pequeninos.

Mas aquele sapo tinha a mania, e queria impressionar os seus companheiros.

E tinha-lhes dito:

— Se eu quiser, sou capaz de ficar tão grande como o boi.

Claro que eles não acreditaram, e era por isso que o sapo naquele dia tinha ido para o pé do boi.

— Se eu quiser sou capaz de ficar do teu tamanho! — disse ele olhando para o boi.

— Muuuuu! — respondeu o boi mostrando claramente que não estava disposto a conversar.

— Se calhar não acreditas! Lá porque o teu dono te dá de comer e tens casa para dormir julgas que és muito importante! Mas se eu quiser...



Tinham-se juntado à volta dos dois animais uma quantidade de bicharada que aguardavam o resultado da discussão e da aposta.

— Então? Achas que não sou capaz? — Insistiu o sapo já a ficar muito inchado.

— Muuuuu! — Repetiu o boi muito chateado.

O sapo respirou fundo e continuou a inchar.

As apostas aumentaram quando o sapo atingiu o dobro do seu tamanho. A mulher do sapo estava entusiasmadíssima por ver o marido tão grande.

O sapo em certa altura achou que já não poderia inchar muito mais. E achou mais prudente parar a tempo. Mas nesse momento a sua esposa enleivadíssima olhou para ele, olhou para o boi e disse:

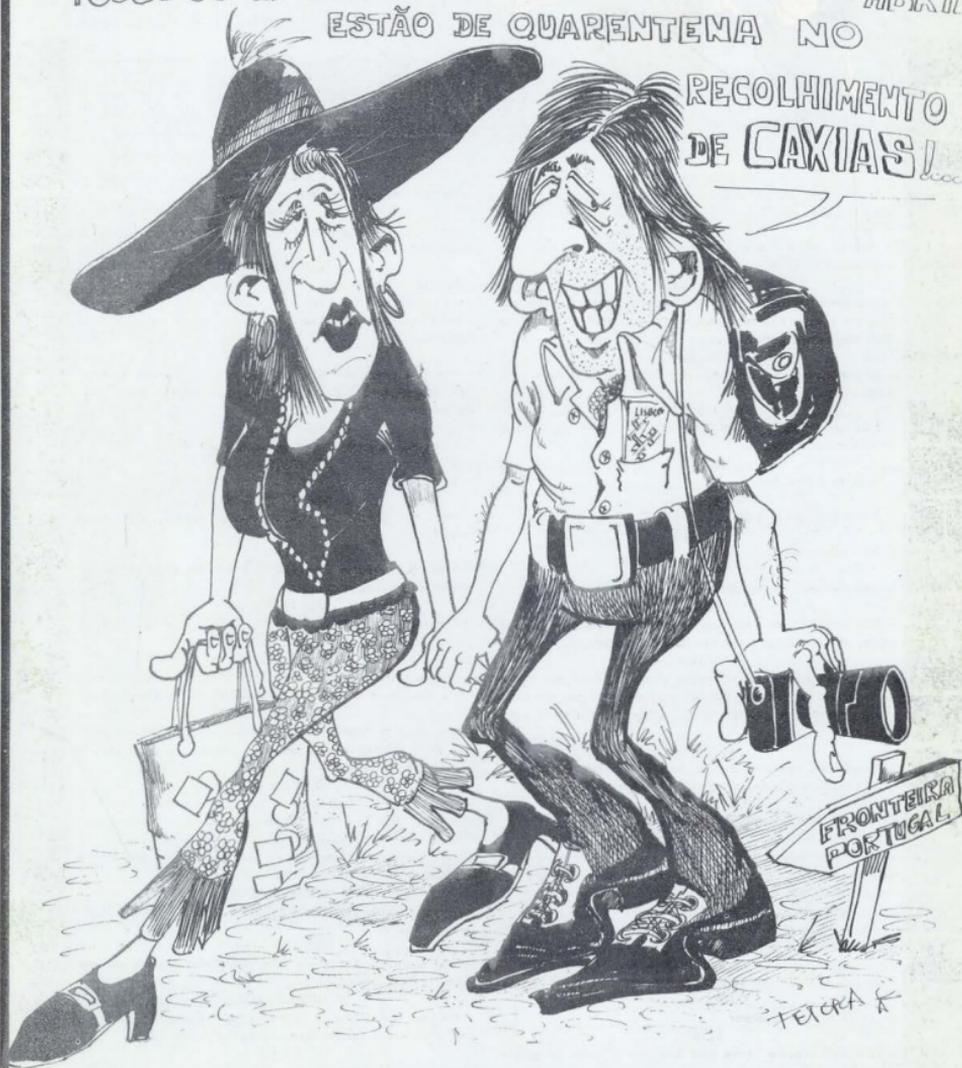
— Meu querido marido estás mesmo uma beleza? Estás praticamente igual ao boi! Para ficares mesmo igual a ele, a única coisa que te falta são os cornos! Mas vais ver que...

Não chegou a acabar a promessa. Foi nessa altura que o sapo rebentou.

PODEMOS ENTRAR À VONTADE PORQUE
PARECE QUE JÁ NÃO HÁ CÔLERA...

TODOS OS ENCOLERIZADOS DEPOIS DO 25 DE ABRIL
ESTÃO DE QUARENTENA NO

RECOLHIMENTO
DE CAXIAS!





PU-PU
PUPUUUUUU

CRONICAS
MEDIEVAIS

LIBERDADE PARA EL-REI

D.BRIOLANJA

— Que tendes, senhor meu esposo? Torvo vos vejo o semblante, e carregado o parecer! Algo tereides que vos chateia? EL-REI

— Bem o podeis dizer, senhora minha. Mas não me interrompais! Deixai-me locubrar!

D.BRIOLANJA

— Mas antes de locubardes mais, podeis dizer-me o que vos está dessa sorte a preocupar! Bem sabeis que me aflege ficar assim na ignorância. . .

EL-REI

— Se isso vos aflege, senhora, então tendes passado assim toda a vossa vida. . .

D.BRIOLANJA

— Não precisades ofender! Bem sabeis que sempre tenho estado ao vosso lado. . .

EL-REI

— A quem o dizeides!

D.BRIOLANJA

— E que continuarei a estar. . .

EL-REI

— Boas esperanças. . .

D.BRIOLANJA

— Que dizeides? Parece que estades a abusar! EL-REI

— Não senhora minha: dizia só, falando com os botões do meu gibão, que esperanças tenho que tudo se concerte. . .

D.BRIOLANJA

— Não me faleides em consertos. Alembraide-vos que ainda não pagámos o conserto daquele vaso de noite que vós esqueirasteis uma noite destas, metendo-lhe dentro uma pantufa!

EL-REI

— Lamentavel incidente de que fosteis culpada! Achaides ser bom sítio para deixar o penico à entrada da porta?

D.BRIOLANJA

— Deixai-me lá. Com os gatos que levou ficou como novo.

EL-REI

— Pois ficou, mas a verdade é que o nosso hospedeiro aproveitou esse pretexto para me dar a entender que a nossa visita lhe começa a pesar. . .

D.BRIOLANJA

— Ah, é então essa a causa das vossas locubrações! Por isso estades chateado! Acertei?

EL-REI

— Na moleirinha! E em verdade força é reconhecer. . .

D.BRIOLANJA

— O quê, não me dizeides?

EL-REI

— Que aqui estamos como seus hospedes já passa de quatro meses! Achaides pouco?

D.BRIOLANJA

— Melhor será que não me pergunteides.

EL-REI

— Porquê? Acaso pretendes manter segredos para com o vosso amo e senhor?

D.BRIOLANJA

— Pois se quereides que vos diga, o nosso hospedeiro não tem nada que andar a fazer tais fitas. Alembraide-vos que para aqui viémos como seus convidados, e como seus convidados aqui ficaremos. . .

EL-REI

— Mas não vedes, senhora, que são passados quatro meses e não vislumbramos que se antolhem mudanças à nossa condição?

D.BRIOLANJA

— E depois? A gente fez algum contrato ao mês?

EL-REI

— Sus! Calaide-vos que me parece ouvir seus passos. . .

COMENDADOR

— Deus vos guarde, Majestade! Senhora minha. . . Os meus respetos!

EL-REI

— Bem vindo sejaides, meu fiel comendador! Basto prazer me daides com a vossa visita. . .

COMENDADOR

— Grato vos fico, Majestade. Como adreguei a passar por aqui.

D.BRIOLANJA

— Por aqui passaias bastas vezes nos últimos tempos, senhor! Certo alguma venturosa dona vos atrai a estas paragens. . .

COMENDADOR

— Sus, senhora minha! Não me queirades enredar nas tramas palacianas galantes de tal jaez, que bronca pode dar com a minha amada esposa. . .

D.BRIOLANJA

— Descanai de embora as intrigas amorosas me apaixonem, nelas sou um poço! Podeis confessar-vos, comendador! Quem era a dona que acompanhasteis na vossa caleche por acasão da vossa última visita? Aventura galante seria, que a impediu de mostrar a facial fisionomia. . .

COMENDADOR

— Assaz, senhora minha, assaz! A fé de cavaleiro e comendador vos juro. . .

D.BRIOLANJA

— Não jureides, suplico-vos. Em vossa palavra honrada me fiarei. . . Se o disserdes. . .

COMENDADOR

— Pois se assim é mister. . . Melhor será. Como sabeis, esta casa onde vos abrigaiades desde há quatro meses. . .

EL-REI

— Por vosso livre oferecimento.

BOATO
BOATO BOATO BOATO
BOATO BOATO BOATO BOATO

A RAINHA RABUDA

BOATO BOATO BOATO BOATO
BOATO BOATO BOATO BOATO
BOATO BOATO BOATO BOATO

CRÓNICAS DA CONTRA-PEÇONHA

O Boato nasce em círculos geralmente mal informados, oriundo de fontes desautorizadas e cabeças sem qualquer fundamento. É uma confidência com badalo, um murmúrio com altifalante, um segredo dos deuses com sirene de ambulância. Fulano conta em voz baixa a Cicrano: — Ouvi dizer que o Mendes abriu falência! — Cicrano transmite duas esquinas depois a Beltrano: — O Fulano disse-me que o Mendes faliu! — Beltrano informa Tutano: — Já toda a gente sabe que o Mendes está falido — Tutano corre a anunciar ao mano: — E o escândalo do Mendes! Já deve estar preso! — A mulher do Mano telefona à mulher de Fulano: — Depois da falência, o Mendes está preso ou suicidou-se. A esposa de Fulano informa o marido: — Já se sabe ao certo que o Mendes se matou: — Fulano encontra Sicrano, Beltrano, Tutano e o Mano e lamenta: — O pobre Mendes! Eu bem lhes dizia que acabava mal! — Entretanto, de um grande carro, sai um homem próspero e feliz que lhes tira o chapéu. Claro, é o Mendes, o falido, o recluso, o suicida!



Porque vivemos em tempo de boatos, ocorre-nos recordar o mais extravagante, mais corressivo, durador e singular boato histórico do século XIII português. Na corte de D. Afonso III, murmurava-se pelas salas, pátios e alcovas que a sua segunda mulher, a rainha D. Brites, era provida de cauda como qualquer macaco vulgar e sem corôa! Este murmúrio cortesão que não se atrevia a concretizar em chistosa cantiga de escárnio ou maldizer, ganhava, no entanto, à sorrelfa, ou ouvidos de todo o país pois as orelhas humanas são ageis em captar rumores sobre as misérias alheias e moucas, terrivelmente moucas, sempre que se trata de escutar palavras de louvor a respeito de outrém.

Assim, toda a gente sabia que a sua rainha possuía aquele apêndice que aos símios serve para enxotar moscas, para exprimir alegria

ou fazer acobracia nas árvores mas que não tem utilidade de maior no caso de um ser humano. Para que lhe serviria a ela? Pendurar-se-ia pelo rabo nas graves colunas do tálamo real, a fazer negações ao rei, saltando depois pelo aposento em desenfreado pular de circo? Tal mulher, rainha ou não, com rabo mas não rabugenta, seria de valor inestimável, rara, divertida, única no género e na cabriola! Discutia-se o pormenor anatómico nas feiras, nas estalagens, nas madas de cavalos, nos isolados castelos e a incauta D. Brites era conhecida de Norte a Sul pela Rainha Rabuda. Não admirava, acrescentava-se. Ela descendia da Casa de Gusmão onde a mãe e os tetravós maternos nasciam sempre com aquela mesma cauda fatídica. Neles, a cauda de macaco era sinal de nobreza, de alta linhagem, se sangue ou rabo azul!

O Rei mostrava-se encantado com a sua mulher. E uma vez que repudiara Matilde, condessa de Bolonha, a mulher mais rica do seu tempo, para casar com D. Brites, podiam os mortais concluir que um rabo de macaco em corpo de mulher valia mais do que um grande dote, constituindo poderoso elemento de sedução e harmonia conjugal. Como ela, é claro, não existia outro espécime feminino em toda a Europa, a não ser as manas e primas Gusmão, todas muito saracoteantes e rabudas. Mas a Rainha, em toda a graça insólita da sua "coqueterie" simiesca, preferia ser menos Gusmão e, no intuito de se desfazer do rabo sobreselente, chamou São Bernardo à corte. Este, segundo consta, fez o milagre: tirou-lhe o rabo. Em recompensa, a Rainha ofereceu-lhe um manto, conforme nos afirma o padre frei António de Falla que no século XVI ainda viu o régio presente. Quanto ao rabo, não se sabe o que foi feito dele...

Aventou-se mais tarde que o Santo não fizera nenhum milagre e apenas desfizera o boato calunioso. A

cont. na pág. 11





1001... 1002... 1003...
1004... 1005...
ESTOU ESTAFADO...
1006... QUEM É QUE
TEVE ESTA IDEIA

DE SE
TRABALHAR
AO
DOMINGO!?
1007... 1008...

Banco de Portugal
QUINHENTOS ESCUDOS

BANCO DE PORTUGAL

500

Oras meus ilustrados alunos e simples curiosos, todos vocês sabem que um dos campos que hoje requer mais atenções em Portugal, não é como se pode estaturalmente pensar o campo de futebol. Não senhor. O futebol, meus amigos, tem os seus campos muito bem arranjadinhos, e até na sua maioria cheios duma fofinha relva verde e viçosa que, em caso de se continuarem a repetir as façanhas futebolísticas internacionais a que temos assistido, até podem muito bem ser incluídos nos planos de reconversão agrícola, e destinarem-se a explorações agro-pecuárias que darão com certeza um grande empurrão na nossa economia.

Mas enquanto isso não vem, vejamos como se processa nos melhores moldes a importantíssima cultura do nabo.

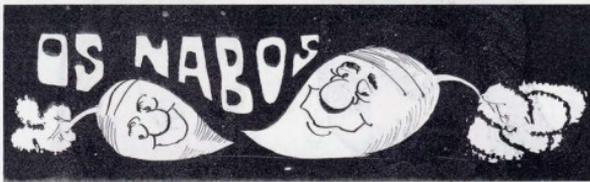
O nabo, meus senhores, é uma planta brassicácea hortalense. Claro que se alguma

das minhas fieis alunas e leitores fôr Hortense, não vou pensar que eu lhe estou a chamar naba, até porque a gente acredita que guie muito bem.

atividade fora das hortas. Eu estou mesmo em crer que hoje nas hortas já é muito difícil encontrar nabos. Porque a grande maioria deles andam

principais.

Claro que desses exemplares, dos que andam a correr pelos tais é que de vez em quando se arranjam também



Mas a verdade é que hortense quer dizer das hortas, e isto é apenas uma definição genérica, daquelas que vêm nos dicionários. Depois dessa origem, muitos e muitos nabos levam uma vida cheia de

por aí a gizo automóveis na cidade, e por essas estradas do país.

Claro que também há muitos que saudosos das suas origens campestres vão sempre que podem ao futebol, quanto mais não seja para manter saudades daqueles prados tão verdinhos onde outros colegas se fartam de correr, para uns senhores muito importantes estarem a ver dos camarotes

alguns para exportação temporária, mas esses geralmente voltam logo para trás.

E não pensem que as variedades dos nabos se encontram apenas nesses dois grupos (os "nabissimus automobilisticus" ou os "nabissimus sportivus vulgaris Lineus"). Não senhor. A cultura portuguesa de nabos é vastíssima. Há os nabos de floração noc-

turna que se podem colher nos canteiros de tantas e tantas boites da santa terriinha, e que são geralmente muito apreciados pelo sumo que deitam e porque são facilmente espremidos.

Há os nabos de variedade chamada peão, que geralmente são rama pequena e são muito cabeçudos. Dessa variedade têm especial desenvolvimento nas abaciaes, ou seja as espécies femininas dos nabos.

Há também uma grande variedade de nabos que têm geralmente umas grandes cabeças, mas são ócas. Os tecidos dessas cabeças são muito permeáveis e por esse motivo aparece sempre gente deseiosa de os encher. Usam para isso o boato de sódio, ou na falta dele qualquer outros boatos, e os nabos gostam muito.

Houve em tempos uma cultura de nabos muito venenosos que brigavam com todas as outras culturas da orla marítima: era chamada por isso mesmo a brigada nabal, mas felizmente já foi expurgada — com 25 pingos de lexívia da conceituada marca Abril.

ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS

Apareceu agora um sábio qualquer que descobriu que a poluição afecta os cromossomas que determinam o sexo das criancinhas que vão nascer. E que em virtude disso, os homens (nós somos as eternas vítimas!) são mais afectados do que as mulheres, em resultado do que, nascem presentemente mais mulheres do que homens, porque antigamente quando não havia quase poluição nenhuma nasciam 150 homens por cada 100 mulheres; e agora dá-se precisamente o contrário: nascem 150 mulheres por cada 100 homens.

E diz o sábio que quanto mais poluição houver, menos homens nascem, e consequentemente mais mulheres aparecem para nos fazer a cabeça em água.

Estamos a ser tramados pela poluição, é o que é. E a verdade é que se a coisa piora — e tem jeito disso — deixam de nascer homens, e o mundo fica daqui a pouco cheio de mulheres.

Que, de acordo com a teoria do tal sábio uma data de filhas da poluição!

Na Suíça realizou-se recentemente um julgamento, no Supremo do cantão de Valais, que demorou tanto tempo e pareu que era tão chato que um dos juizes adormeceu.

Agora depois da sentença ter sido dada, apareceu um recurso para o Tribunal Federal Suíço (a mais alta instância judicial do país) pedindo a anulação da sentença, visto que a lei determina que se num julgamento faltar um juiz, a sentença poderá ser anulada.

E os autores do recurso alegam que um juiz que está a dormir, está "intelectualmente ausente".

E temos que concordar que têm razão...

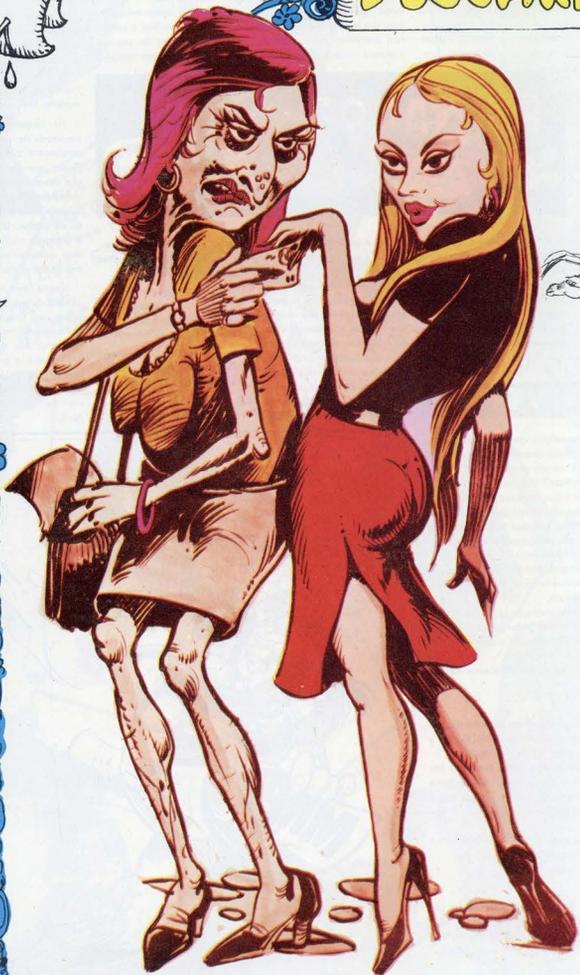
Um agricultor e criador de galinhas do Colorado, via com desgosto que o seu aviário diminuía a olhos vistos, porque as raposas iam a pouco e pouco desbastando toda a criação. E faziam-no com tal á vontade que já quase praticamente viviam dentro da quinta.

O homem então teve uma ideia brilhante. Conseguiu caçar dois casais delas, e presentemente tem uma enorme quantidade de raposas que vende regularmente para jardins zoológicos, com mais lucros do que o que as galinhas lhe davam...

AGORA C'ÓAS PAREDES
TÃO LIMPINHAS ATÉ
APETECE DAR
AO CUSPO!!!



DESCARADAMENTE JULIETA



Um folhetim
por BZ & GIBEL

4º Episódio

JULIETA NO BAR

Mais do que desorientada, Julieta deambulou toda a manhã pelo Cais do Sodré. Obcecava-se a ideia de se ter deixado roubar por Estevão e dizia a si mesma que por aquele caminho acabaria vítima de todas as almas danadas que a rodeavam. Mesmo à luz do dia, esperavam-na novos acontecimentos que, contados na sua aldeia, despertariam a maior incredulidade.

Numa esquina, avistou dona Casimira que trazia um enorme e vistoso olho negro. A outra, acto contínuo, desembainhou o seu guarda-chuva, o mesmo com que agredira o velhote no comboio, e lançou-se em sua perseguição.

— Grande velhaca! Gatuna reles! É por tua causa que estou com a fachada neste estado mas há-de-me pagar!

Valtiu a Julieta a sua juventude. Esqueceu-se por uma travessa, subiu a calçada e desapareceu vitoriosamente. Com os bofes a deitar pela boca, encostou-se a uma parede, vizinha de um lugar de fruta que, no passeio, exhibia magníficos cabazes de laranjas. Em frente, parou um soberbo carro, "Jaguar" cinzento, tripulado por um "chaffeur" fardado que se precipitou para abrir a porta a uma bizarra e velhíssima criatura com um chapéu de plumas. Sem que o soubesse, tinha a dois passos a multimilionária condessa de Rampopello, outrora uma das grandes belezas de Lisboa e óblebre pelas suas extravagâncias. Entre estas, destacava-se sem dúvida a cleptomania... A condessa acordou todas as manhãs com a ideia fígada de roubar qualquer coisa e partia velozmente no seu "Jaguar" a caminho das costumadas aventuras. Fora presa mais de trinta vezes em lojas e armazéns mas o seu dinheiro, a idade avançada e a sua posição social conseguiram salvar da prolongada estadia numa cadeia. Os psiquiatras recusavam-se a tratá-la, cansados de ficarem sem os relógios, as carteiras e as canetas de tinta permanente e, duma vez, que, muito mal, chamara um padre para lhe dar a extrema-unção, o sacerdote, à saída, dera pela falta do porta-moedas!

A condessa de Rampopello avançou imponente em direcção à frutaria e, perante o espanto de Julieta, escondeu duas laranjas na manga esquerda do seu amplo casaco. Ao dono da loja não passou despercebido este furto. Agarrou a velha e exigiu:

— Dê-lhe-me as laranjas que roubou ou chamo a polícia.
— Cê senhor atreve-se a cusar de roubo a condessa de Rampopello? O senhor sabe quem está a falar? Jerónimo! Jerónimo!
— disse a velha aristocrata, chamando o "chaffeur" que se distanciara e que, contagiado pela mania da patroa, tentava roubar um vigésimo de lotaria a um cauteleiro cego...

— Esta senhora não roubou nada! — interveio Julieta.

— Está a ouvir o que diz esta menina. É a minha testemunha!

— Passe para cá as laranjas e deixe-se de paleio — insistiu o dono da loja.

— Velho desgostante e repelente! Definiu a nobilíssima condessa — atreve-se a duvidar da palavra duma Rampopello e duma... como te chamas tu, minha filha?

— Julieta Gato.

— Ah uma Gato, dos Gatos que participaram na tomada aos mouros de Mértola e Tavira... — elucidou a condessa.

O dono da loja recebeu o possante "chaffeur" que se aproximava e quis encerrar o assunto:

— Não me mace mais. Fique com as laranjas e que lhe faça bom proveito.

— Tornará a ouvir falar de mim porque vou fazer queixa a uma esquadra — de seguida, voltou-se para Julieta e deu-lhe uma nota de mil escudos — Obrigada pela tua ajuda. Sem ti, teria passado por um injusto enxovalho. Vejo que és uma jovem de sólida formação moral, digna dos teus antepassados. E nunca te esqueças: a rectidão e a verdade são sempre recompensadas.

Entrou no seu "Jaguar" e partiu para novo roubo, acenando majestosamente à pasmada rapariga. Este encontro casual, como se verá mais tarde, teve um importância capital na sua vida.

Com o dinheiro da condessa, tratou de comprar um vestido decente e um par de sapatos. Olhou-se ao espelho como se se visse pela primeira vez. Não estava nada mal. Contento consigo e com a vida e alborçoando a boa condessa de Rampopello, comeu um "prego" para acanhegar o estomago e perguntou a um dos empregados se lhe sabia dizer como poderia encontrar trabalho.

— Por aqui, há "vacas" de sobra — foi a sua resposta lacónica.

— Gostava de um trabalho mais limpo — insistiu Julieta — De resto, não percebo nada de vacarias...
— A menina é parva ou faz-se? — cortou o empregado. E voltando-se para um mesa do fundo — Ó dona Belisária, esta fúfia anda à procura... de emprego.

Na leitaria, todos desataram a rir.

Dona Belisária, uma sexagenária anafada e muito pequena, sorriu compreensivamente e respondeu:

— Vem cá meu anjinho pagado... e continuou depois de Julieta se sentar à sua mesa — Donde és natural?

— Sou de A-da-Fome.

— Credo, rapariga! Vais afugentar todos os homens, quando lhes disseres isso. Não, senhora. Tu és de Mantegais. As mantegais andam agora na moda por causa de um filme e, na vida, temos de ser oportunas.

— Arranja-me emprego? — Julieta estava ansiosa.

cont. na pág. 11

LIBERDADE PARA EL-REI

cont. da pág. 4

COMENDADOR

— Assim é, Majestade, assim é. Mas não me leveis a mal que vos fale com o coração nas mãos!

EL-REI

— Dizeidel!

COMENDADOR

— Sabeide, Majestade, e senhora minha, que grato me foi oferecer-vos guarida. Sabeide também que nunca por meu espírito passou a ideia venal de benefícios colher do meu desinteressado gesto. Esta casa, como sabeis, estava livre. . .

EL-REI

— Assaz o sei. Prosseguidel!

COMENDADOR

— Mas ultimamente uma riquíssima personalidade tem forçosamente insistido comigo para que tão prestes quanto possível, dela lhe faça venda!

D.BRIOLANJA

— Ah, então aquela dona. . . ?

COMENDADOR

— Assim era, senhora minha. Aquela dona era a representante da alta personalidade que vos mencionei. E num cruel impasse agora me encontro! Vendendo esta casa, terei que encontrar — a isso me obrigo — albergue onde vós vos acolhais. . .

EL-REI

— Mas onde? E como? Sabeides como estão as rendas das casas! E embora nós aqui tenhamos uma magra tença para os morfos, todos os nossos cabedais no reino estão enregelados. . .

COMENDADOR

— Congelados!

EL-REI

— Ou isso! E bem sabeides que se o meu ex-secretário se encontra já a ganhar boas tenças, porque ofício tinha, o meu ofício de reinar não me consente emprego venal. . .

D.BRIOLANJA

— Sim, o pior é descobrir uma baiuca!

COMENDADOR

— Se me permitides. . . Eu tinha uma ideia. . .

EL-REI

— Dizeidel! Dizeide prestes!

COMENDADOR

— Haveides certo já ouvido falar dos grandes benefícios da vida na Natureza. Sabeides bem que nos últimos tempos se têm criado por toda a parte o desejo de viver na liberdade. . .

EL-REI

— Não me digades isso, que me dá azar!

COMENDADOR

— Queria referir-me à liberdade e viver ao ar livre! Os construtores de cales e outras carruagens, estão já a fabricar fabrilmente umas grandes carripanas, destinadas a rolar lentamente pelos campos, e a que por isso chamam roulotes. E nelas vivem e até dormem, na sã da vida ao ar livre. . .

EL-REI

— Acaso dizeides ou estades a sugerir que nós, gentilhomens de real linhagem, teremos que viver em carrinholas como se ciganos fossemos?

COMENDADOR

— Não o considereis coisa rebaixante, Majestade. Alembráide-vos que esse viver no campo a que por isso chamam campismo, é hoje de bom tom, em todo o mundo! E essas carripanas que de casa servem, são basto luxuosas! Podeideis enfim sair destas soturnas salas, e arejar o capacete em verdes prados! Vereides que haveides de gostar à brava!

D.BRIOLANJA

— Quicã! Mas lembranças tenho que o nosso servidor o nobre D. Cesar não tinha em grande conta essas modas! E não vos esqueçades que tais folguedos eram próprios do seu pelouro. . .

COMENDADOR

— Razões de estado teria D.Cesar para assim pensar. Mas vós, como rei, tendes por jus direito a pelo menos agora, tomardeis as decisões que quizerdes. . .

D.BRIOLANJA

— Assim é. E daí. . . Talvez até a nossa estremeçada filha Aldegundes aprecie esse novo viver. Que dizeides, meu esposo e senhor?

EL-REI

— Pois que assim se faça! Tal decisão tomarei. Meu fiel comendador, tratáde me comprar uma dessas caranquejolas. Já que tanto se fala agora, e tão lixado tenho sido com essa coisa da liberdade, irei também eu próprio a experimentar-la. Briolanja, preparai-me um gibão desportivo, e uns calções de canela arejada.

D.BRIOLANJA

— E não vos constipareides?

EL-REI

— Não tenhais miufa. O vento até me faz bem. Quando estiver em pleno campo, a guiar como postilhão essa caranquejola, sentirei-me-i como um almirante na ponte de comando dum imponente nau! Viva a liberdade.

PAG. 10



Ora vê? Vê que agora já está a fazer economias? Não tenha dúvidas, prezada leitora: vá por nós, que vai bem. E não se deixe embarrilar por esses pessimistas que lhe dizem que a manteiga aumentou quase para o dobro, e que o peixe está pela hora da morte. Cantigas! De resto quem é que precisa de manteiga? Ainda antigamente era preciso dar-se muita manteiga aos patrões e aos chéies, que era para eles nos tratarem bem, e ficarem a saber que nós eramos dos bonzinhos: Ora agora que já não é preciso dar manteiga a ninguém, porque as coisas já são pão, pão, cheiro de queijo, cheiro de queijo (e só o cheiro porque esse gajo também anda lá pelas alturas) a manteiga dispensa-se muito bem.

Sopinha. Sopinha é que é bom. Se a nossa amiga fizer sempre para a família uma boa sopa, suculente e saborosa, vai ver que não lhe pedem mais nada.

Hoje por exemplo, claro

que já pôs a panela ao lume. Pois claro. Aguiinha quente é muito bom. E temperada: sal, umas cascas de batatas, e umas voltinhas com a esferoquica encarnada, que é para parecer tomate, e sem a necessidade de os levar com água de lexívia.

Bem sei, está um bocadinho rala: Mas isso já se remedeia. Tem com certeza ainda um restito de pão de talco daquela que servia para o rabinho do Zézinho, não tem? Pois. . . Não tenha medo! Deite-lhe uma colherinha de sobremesa.

Vai ver que engrossa. — Hein? E veja lá se não ficou uma sopa linda, e gostosa. Um verdadeiro consomé!

Peço sim e pelo não talvez não seja má ideia deitar-lhe já uns pózinhos de sais de frutas. Candeia que vai adiante, alumia duas vezes. . .

A REVOLTA DE SATANÁS

AI, QUE TRISTE ANDA SATANÁS!
JÁ PELO INFERNO SE MURMURA
QUE A RAZÃO DA SUA AMARGURA
É TER SAUDADES DO TOMÁS. . . !

EM VÃO, A SUA CORTE MALIGNA
O DISTRAI COM NOVOS FOLGUEDOS
TAGATÉS, DANÇAS, ARREMEDOS.
SATANÁS NEM OLHAR SE DIGNA.

APENAS DIZ COM VOZ FEBRIL:

— NÃO, NÃO É JUSTO, JÁ PENSEASTE!
A MIM PARA AQUI TU ME MANDASTE!
A ELE MANDASTE PARA O BRASIL!

EPIGRAMA PARA O DITADOR
DE SANTA COMBA

SALGOU A TERRA COM O SEU OLHAR
DE CORUJA EM GALHO ALTO DE SÃO BENTO
E EM POLÍTICOS JOGOS DE AZAR
JOGOU POR NÓS SEM NOSSO ASSENTIMENTO. . .

PÓS O PAÍS INTEIRO SEM FALAR
ENTRE A MASMORRA, A FOME E O TORMENTO
E ORDENOU COM UM SINISTRO ESGAR:
— “DANÇAI AGORA DE CONTENTAMENTO!”

ELE ERA DA FERROZ SINISTRA RAÇA
QUE CONFUNDE RESPEITO COM AMEAÇA
E A JUSTIÇA COM A PREPOTÊNCIA!

MAS TAL COMO DO POVO ELE QUERIA
SÓ MORRENDO AO POVO DEU ALEGRIA:
A ALEGRIA ETERNA DA SUA AUSÊNCIA. . .

cont. da pág. central

— Com certeza, filha. Quando não houver emprego para uma rapariga como tu, não há emprego para ninguém. Vem daí.

Durante o resto do dia, dona Belisária aconselhou e industriou a sua pupila de quem pretendia uma pequena comissão nos ganhos nocturnos. Acompanhá-la-ia nessa noite a um bar das redondezas e estava certa de que o seu êxito seria imediato.

Logo nos primeiros dez minutos, um brasileiro convidou Julietta para dar um passeio. Ela aceitou alegremente:

— Até já dona Belisária, este senhor vai mostrar-me as iluminações...

Quando regressou, a rapariga parecia um pouco atordada. Mas orgulhosamente, dizia à proxeneta:

— Estou rica! O senhor brasileiro deu-me uma nota como nunca vi na minha vida! Estou rica! Rica!

E perante o espanto e o assombro indignado de dona Belisária, mostrou-lhe uma

nota de cinquenta cruzeiros.

— Esconde isso rapariga!

— Eu não lhe dizia! Estou rica!

— O que tu és, é uma grande parva. Míndei-te esconder o dinheiro para não fazeres troça de ti. Tu sabes quanto são cinquenta cruzeiros cambiados em dinheiro português? Fostes enrolada, grande idiota.

Ali mesmo, a desgraçada Julietta rompeu num choro desalmado, vindo que mais uma vez fôra ludibriada.

Continua no próximo número



◀ A RAINHA RABUDA ▶

cont. da pág. 5

denominação de Rabuda devia-a ela ao facto de ter sido a primeira mulher a usar a moda dos vestidos com "cotas de rabo" ou "caudatas", em Portugal. Todavia, conservou-se na corte portuguesa, transmitida de

geração a geração, aquela história de uma antepassada illustre quanto mais não fosse pelo inespérado rabo de macaco.

Em 1569, séculos passados, o rei D. Sebastião apareceu por Alcobaca, a mata-cavalos, tal como acontecia sempre que a

Corte se retirava de Lisboa, assediada pela peste. Ali estavam enterrados muitos dos antigos reis e rainhas de Portugal o que oferecia ao jovem e impulsivo monarca uma ocasião soberana de matar o tédio e uma certa curiosidade...

Ele queria tirar a limpo aquele caso de rabo de macaco de D. Brites.

Perante o escândalo dos mais sensatos, mandou abrir a sepultura da mulher de D. Afonso III. Examinou-se escrupulosamente o esqueleto. E o rei pôde dormir descansado, certo de que não descenderia remotamente de uma mulher com atributos de barraca de feira.

Foi um boato que durou séculos e que ilustra bem a nossa tendência ancestral para acreditar nos rumores mais fantásticos!

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

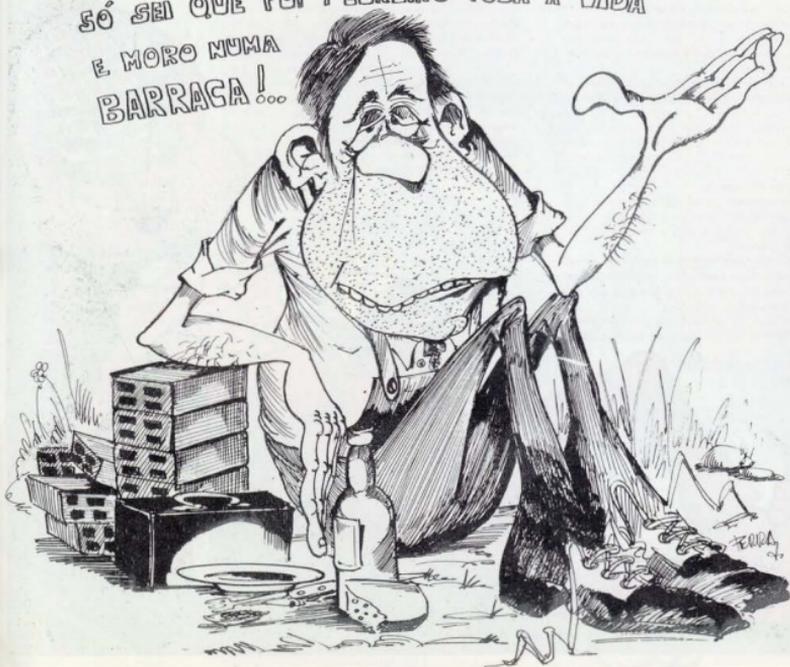
PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração Rua Conde de Redondo nº 12-2º - LISBOA Tel. 53 85 85-53 79 49 4 86 68-56 31 58

Composto e impresso na LISGRÁFICA, S.A.R.L.

Distribuído para todo o país por Agência Portuguesa de Revistas - Rua Saraiva de Carvalho - Lisboa

EU DE POLÍTICA NÃO PERCERO...
SÓ SEI QUE FUI PEDREIRO TODA A VIDA
E MORO NUMA BARRACA!...



Crónica nortenha e o mais que à rede venha



AS (A)TIRADAS

Para quem, como eu, tem de puxar pela cabeça para ter graça (graça crítica, graça interviniente, graça que valha a pena), os autores das chamadas "grandes frases" sempre foram causa de um profundo apreço (porque a transcrição das mesmas, nestas crónicas, de pouca esforço) e, simultaneamente, de uma tremenda inveja (porque, afinal, na esmagadora maioria dos casos até têm graça sem querer...). Ora vejamos algumas das últimas de que pude aperceber-me:

— De um automobilista anónimo, ao pagar a multa (500\$00) que a P.S.P. do Porto lhe scabava de aplicar, no centro da cidade, por "poluição sonora": "Eu já sei que faz barulho a mais, mas gosto de ver as casas a abanar".

Cá está alguém que bem precisa de (mais) uns "abanões"...

— Do Sr. Delfim, porteiro em serviço no Estádio das Antas, quando um repórter do "Jornal de Notícias" lhe mostrava o cartão, para ter acesso ao lugar reservado para o estacionamento dos carros da imprensa: "Vá estacionar onde quiser, que eu não suportio jornalistas e aqui não passa".

Senhores do F.C. do Porto, a alternativa é clara: "sanear-lhe", se possível, a mente — ou "sané-lo", se necessário, do cargo...

— De uma veterana "call-girl" bávara, a propósito das razões que terão levado ao preocupante momento de crise que actualmente atravessa, na Alemanha Federal, a actividade dita "a mais antiga do mundo": "Os homens já não têm dinheiro".

Opinião de longe mais explícita do que a de um sociólogo de Colónia, ouvido na mesma altura, para o qual "a situação seria devida a causas conjunturais"...

— De um sacristão de Tropêço, Arouca, descoberto como responsável por vários focos postos e também, por mudanças de marcos para se apoderar de parcelas de terreno pertencentes à Junta de Freguesia: "É o diabo que me tenta".

Pois, pois, fargas costas tem Balzebu...

— De Habib Burgulba, pouco antes de ser eleito, unanimemente e por aclamação, Presidente vitalício da Tunísia no 9 Congresso do seu Partido (único): "Acitirei a vossa proposta com a condição de ser tomada por unanimidade e sem reservas".

Eis como certos desejos constituem autênticas ordens; ou como se consegue (às vezes) chegar ao topo com todas as honras (quais "reservas", qual carapuça...). sem que (des) conte o que quer que seja o pormenor de o sufrágio ser "levemente" indirecto...

— Do major Silva Pais, ex-chefe da ex-D.G.S., na já célebre entrevista ao semanário espanhol "Cámbio 16": "A partir do golpe, a política morreu para mim".

Faço ponto final. PORQUE ESTA DO MAJOR É, SEM DÚVIDA, A MAIOR...

GINA, A FINA

Habituada durante longos anos a fazer asneiras (quase que "obrigatórias" face à sua condição de vedeta da tela), Gina Lollobrigida limita-se agora a dizê-las, enquanto vai servindo de fotógrafa a uma revista famosa.

A última (isto é: a mais recente) foi, como se sabe, no regresso de Cuba, quando estranhou publicamente que, no decurso de uma reportagem com Fidel de Castro, esta (ao contrário, disse, de todos os outros...) não se lhe tivesse "atirado".

Não se trata, porém, de um caso (só) de estupidez natural, mas também (e sobretudo) de naturais saudades. Tanto que, apesar do Portugal ser actualmente notícia de primeira página em todo o mundo, a Lollo ainda cá não veio, nem virá. Pois se os principais dirigentes do nosso M.F.A. são conhecidos como "os homens sem sono", que ralo de hipóteses teria ele de satisfazer aqui o seu óbvio desejo: DEITAR-SE COM?

O ALÍVIO

Não é sempre com razão que por aí se anda a afirmar, em alta voz e a pés juntos, que a Igreja Católica se encontra ainda mais apegada ao espírito do 28 de Maio do que crente no do 25 de Abril.

A boa-nova chega-nos, através da imprensa, de Vila Verde, onde — com "atfênciá-recorde", orações pela "paz e o progresso de Portugal" e sermão do Arcebispo-Prímaz de Braga em "língua sem simplas, mas persuasiva, que a todos emocionou" — houve sabem o quê?

A PEREGRINAÇÃO DO ALÍVIO!



ARRACADAS

A MAIORIA SILENCIOSA

Era uma vez uma terra onde havia muita, muita gente. Afinal isso não teria nada de especial, visto que existem no mundo muitas terras que têm muita, muita gente.

Até parece que ultimamente os sábios tem andado a chegar à triste conclusão que na terra toda há gente a mais. Mas isso não vem para o caso da nossa história, daquela terra onde havia muita gente.

O que tornava notável, era que nessa terra, quem se desse ao trabalho de contar as pessoas, chegava à conclusão que havia ali em toda à volta uma grande, uma imensa planície pantanosa, rala de vegetação e abundante de escorredia lama, onde se divisavam por vezes os habitantes, e mesmo no centro dela, havia um viçoso cabeça, onde num admirável planalto, rico e fértil, se erguiam vivendas e palácios, remançosos vergeis e luxuosas moradias.

E ali moravam muitos, muitos dos habitantes dessa terra.

Claro que à primeira vista quem, como disse, pretendesse contar os habitantes dessa terra tão curiosamente dividida em duas partes tão diferentes uma da outra, ficaria com a impressão que a maioria dos habitantes vivia lá em cima, no viçoso planalto de sedutor aspecto. E que cá em baixo, naquela imensa planície pantanosa e cinzenta, viveriam talvez uns quantos maltrapilhos dispersos, que por certo nunca se tinham dado ao trabalho de se mudar lá para cima, por simples preguiça desleixo ou má vontade.

E na realidade os habitantes lá de cima, muito contribuíam para essa ideia, proclamando aos quatro ventos e sempre que a ocasião se apresentava, que naquela terra era assim mesmo: que eles, os que viviam lá em cima, em conforto e abundância, eram na verdade a grande maioria daquele povo. E que só quem desprezava os benefícios duma vida boa, sã e honesta, e em vez disso preferia ficar a chafurdar na lama não tinha lá acesso.

E que esses... eram verdadeiramente uma minoria.

Uma minoria... silenciosa. Não porque não tivessem voz: mas porque a lama em que viviam a afogava. E de cada vez que eles se aproximavam das encostas daquele viçoso cabeça, para ver se se conse-

guiam afastar um pouco mais dos pantanos em que viviam, os habitantes das terras altas, atiravam-lhes para cima com mais lama, com os dejectos e detritos que lá em cima se faziam, afundando cada vez mais os habitantes que assim eram silenciados à força.

Mas um dia as coisas mudaram de repente. De tanto pisada e espezinhada, a lama ganhou consistência e piso mais firme. E numa certa primavera em que o sol ainda mais a endureceu, os habitantes do pantano, decidiram ir conquistar o seu lugar em ter-

reno firme.

E foram. Subiram num ápice o cabeça, lavaram-se da lama nas cristalinas fontes que ali encontraram, e dedicadamente mandaram embora os antigos moradores do planalto, prometendo que iriam logo que fosse possível proceder às obras de saneamento dos pantanos para que depois toda aquela terra tivesse árvores e casas, fontes cristalinas e terras produtivas.

E quem nessa altura fosse contar os habitantes dessa terra, verificaria com espanto que a maioria daquela gente não era afinal como tanto tinha sido apregoado a que tinha vivido lá em cima, nos palácios e vivendas, vergeis e moradias, mas sim as infindáveis multidões que tinham morado nos pantanos, e que surgiam agora claros lavados e de cabeça erguida.

Vieram para a planície árida e ainda lamacenta, os que tinham sempre vivido lá em cima. E como é compreensível, não gostaram da mudança.

Nos primeiros tempos a surpresa tirou-lhes a voz. Eles sabiam que eram uma minoria naquele povo, mas sempre tinham clamado que eram eles a maioria.

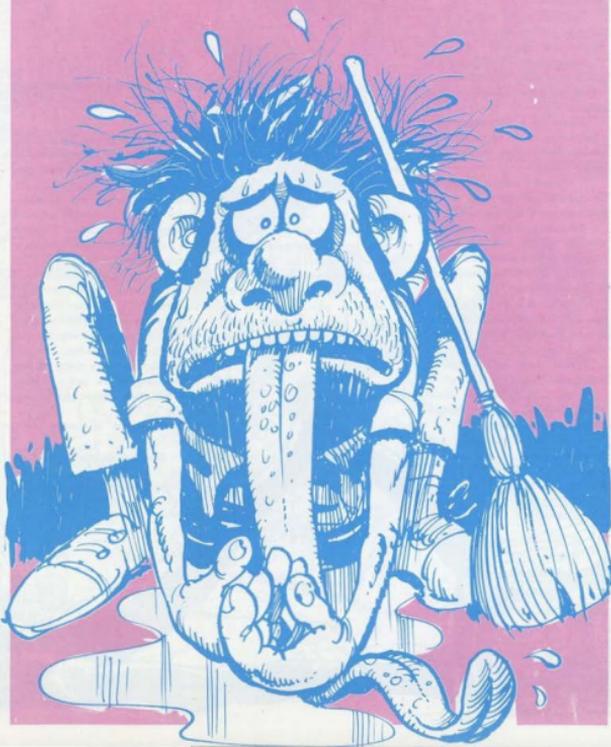
E com o correr dos tempos, cresceu-lhes o desconforto e a revolta pelo conforto que tinham perdido. E começaram a gritar. Vozes ao princípio abafadas, depois a pouco e pouco mais confiantes, porque ninguém se preocupava em manda-los calar.

Continuavam a gritar que eram a maioria. E que como maioria, queriam voltar lá para cima. Mas as suas vozes não eram convincentes. Incomodavam às vezes, aqueles que por atávica compaixão ainda se debruçavam a olhar para baixo. E quando alguém lhes censurava a gritaria que começavam a fazer, eles ainda se indignavam:

— Nós? A gritar? Que ideia! Nós somos, é certo, a maioria! Mas somos calmos, cordatos e submissos! Nós somos a maioria, mas a maioria silenciosa!

PUXA!

NÃO SEI SE VOU AGUENTAR
ESTAS MUDANÇAS DE RITMO!



As Nossas

INTEGRAÇÕES

Hoje sai para a rua disposto a fazer uma entrevista sensacional. Vá lá que o meu chefe já começou a reconhecer um bocadinho do seu valor. Não diga que o tenha reconhecido todo — isso seria impossível — mas já vai refilando menos.

Principalmente depois das últimas entrevistas que eu fiz, e que parece que caíram muito bem (nem se alejaram nem nada) no ânimo do público, que ficou por isso muito mais animado.

Eu também fiquei muito satisfeito, mas como sou um insatisfeito, decidi procurar outro tema dos outros jornais que não se tivessem lembrado ainda disso.

Claro que o tema mais ardente era a política. Mas a política ultimamente tem servido para encher tantos jornais, que se eu levar ao meu chefe uma entrevista sobre política é capaz de dar sarinho. Primeiro é preciso saber quem é que vou entrevistar.

Depois como há muitos partidos — e muitos também a abanar — eu que sou uma pessoa de ideias firmes e corvéticas (é a minha maior convicção) é não ir em canções, depois dos barretes que enfiar nos festivaiz) tenho que ter muito cuidado com as declarações de certos senhores que dizem coisas de política.

Comecei a passar em revistas todos os conhecidos, e franqueza, franquezinha, não achei que nenhum deles desse entrevista de sensação. Claro, havia aquele que tinha lá dentro muito material de construção civil e que se calhar até era para ser uma boite nova, porque tinha lá muitas garrafas guardadas.

Mas isso já foi visto e o público já não tinha novidade nenhuma para saborear.

Se ao menos eu descobrisse alguma coisa ainda desconhecida... talvez um novo partido, ou coisa assim...

Estava eu a conjecturar estas coisas, quando ao pé de mim um senhor muito bem disposto me disse:

— Olhe lá ó amigo: faz-me um favorzinho? Alcança-me aí essa folha do jornal que me caíu?

Eu estava sentado naquela esplanada ali na avenida, e realmente o senhor tinha na mão um jornal, do qual tinha caído para o chão uma página.

Calculei que ele sofrera dos rins ou coisa parecida, e imediatamente apanhei a folha do jornal dizendo-lhe:

— Aqui tem, meu amigo. Se calhar está doente, não?

— Eu? Nem pensar nisso! Figas, figas, lagarto, lagarto! Estou fino como um perito!

— Ah, como me pediu para apanhar o jornal...

— Bem, isso é por principio. Não vê que ao tenho os meus principios políticos...

— Mas o que tem isso que ver...?

— Homem, eu, tenho que me sacrificar. Porque estar-lhe a explicar isto, dá trabalho, e é precisamente aí que reside a filosofia do meu partido...

— Ah, então o senhor pertence ao partido...

— Não pertenco: eu sou o partido. Devo dizer-lhe que está ainda em formação. Trata-se...

— Dum novo partido?

— Sim senhor. Dum novo partido. Claro que a sua formação é demorada, porque só coisas que sempre dão trabalho...

— O que é natural...

— É natural, não. Fique sabendo que o trabalho é contra a natureza. Portanto não é natural!

— Que me diz?

— Isto mesmo. O partido que eu esto a formar — muito lenta-

— E mal pagol!

— No meu. Fique sabendo...

— Mas afinal que partido é esse?

— O partido que eu estou a congeminar, é o P.D.P.

— E o quê...?

— O P.D.P. Quer dizer Partido do Descanso Português. Que tal acha?

— Homem, eu nem sei que lhe diga! Partido do Descanso...

— Acenda-me aqui o cigarro, que eu já lhe explico. E olhe, faça o favor, diga ao empregado para trazer mais um copo de água.

— Sim mas...

— Oh homem, você embora não tenha cara disso, mostra às vezes uns lampejos de vaga inteligência. Deve ser mesmo bom para se fiilar no meu partido...

— Mas esse partido... então quando toda a gente anda a dizer que o trabalho...

— Pois é. Toda a gente anda a dizer, mas você sabe muito bem



mente, porque não são precisas pressa para nada — é precisamente o partido destinado a ter a maior aceitação por toda a gente. E não se admire se daqui a pouco tempo... bom, logo que eu tenha tempo de proclamar o meu ideário politico-socio-económico-familiar... Irra! Eu tenho que arranjar palavras que não sejam tão complicadas! — mas como lhe ia dizendo: não se admire que todos os outros partidos dentro de pouco tempo estejam fundidos...

como são os políticos. Só sabem é mandar os outros fazer. Porque lá bem no fundo, todos eles são verdadeiros adeptos do Partido do Descanso! E senão veja, as verdadeiras origens da justificação do meu partido. O descanso é aquilo que toda a gente procura, desde o principio da criação: da boa e da má. Não se esqueça que Adão e Eva começaram por ter uma vida de descanso. E só foram afastados dela por terem cometido uma infracção ao parágrafo segundo do artigo 2,253 do código que expressamente declara que o usufrutuário responderá pelos frutos, que por folo colher prematuramente.

Ora como o senhor deve saber...

— Sim foi aquela história da maçã...

— Pois claro. E depois disso,



em toda a parte o senhor verificava que tudo quanto a gente faz neste mundo é procurar o descanso. O próprio criador até instituiu um dia de descanso, que ainda hoje é sempre respeitado e considerado o maior importante!

— Pois lembre-se, claro, se isso não lhe der muito trabalho. O descanso é o objectivo principal do homem. E senão repare: quando alguém nos promete alguma coisa boa, diz logo: "Descansa, que eu trato disso!" Repare: DESCANSA! É a promessa daquilo que todos procuram! Os homens inventaram máquinas para poderem anunciar: "a máquina trabalha enquanto a senhora descansa!" Os soldados fazem exercícios de ombros arma, sentido, direita volt, etc, e sempre entre esses movimentos lá vem a voz reconfortante do instrutor: — Descansa!

— Realmente... mas isso dará resultado como partido político? — Se dá resultado? Descansa, que daí! Então o senhor não vê que as pessoas neste país passaram quase cinquenta anos sem mexerem uma palha na politica, e hoje toda a gente diz que já estavam cansadas disso? Agora já podem estar descansadas!

— Mas logo vieram uns tantos senhores duns tantos partidos a dizer que era preciso trabalhar! Então o senhor não acha isso um absurdo?

— Bom eu acho que... — Acha o quê! O senhor como toda a gente o que procura é o descanso! E toda a vida o há-de procurar até morrer! E mesmo nessa altura ainda a gente lhe há-de desejar que descansa em paz! Quer melhor prova que o descanso é a meta que toda a gente procura?

— Mas se a gente não trabalhar...

— Se a gente não trabalhar... descansa. Não acha boa ideia?

— Mas o meu chefe...

— Mande o seu chefe pr' o trabalho! Para isso é que ele pertence às elites! E olhe, tome lá uma proposta para se fiilar no meu partido. Deixe-se de fitas e descansos, que tudo corre bem...

A propósito de correr bem, o homem de repente levantou-se e começou a correr.

Quando o senhor para trás viu que tinha chegado uma carrinha do Jílio de Matos e que dois corpulentos enfermeiros corriam atrás dele com um colete de forças estendido...

Vocês ouviram aquela do médico dum clube que durante um desafio, e enquanto estava ali profissionalmente pronto a prestar os seus serviços, discordou dum sinal qualquer feito pelo juiz de linha e se foi a ele, ameaçando-o de lhe partir isto e mais aquilo e se o não agarram até era capaz disso?

Ora isto é que eu chamo zelo profissional!

O senhor era médico e como no desafio ninguém estava a precisar dos seus serviços ele naturalmente estava a sentir-se frustado. E certamente dizia lá com os seus botões: Então foi para estar aqui parado que eu tirei um curso de medicina que até mete todo o trabalho de primeiros socorros? Ora isto não pode ser: se não há serviço... arranja-se! Está ali aquele homenzinho vestido de preto a dar à bandeirinha e a complicar cada vez mais o mau clube... vou-me a ele! E

assim posso resolver tudo num instante: ajudo o meu clube a ganhar, e sempre posso estriar na cabeça dele

panha o Vitória de Setúbal também jogou. Decididamente à medida que o prestígio de Portugal aumenta no estran-

lidade económica em que o mundo anda agora, não tinha sido má ideia afinal ter aumentado a primeira divisão

COISAS

aquela caixinha de agralhas que ainda nem foi aberta...

Assim é que se entende o profissionalismo dos entendidos...

E o Sporting lá jogou mais um desafio numa quarta feira europeia. Bom, a verdade é que isto de jogar à quarta feira...

Mas não foi só ele! Em Es-

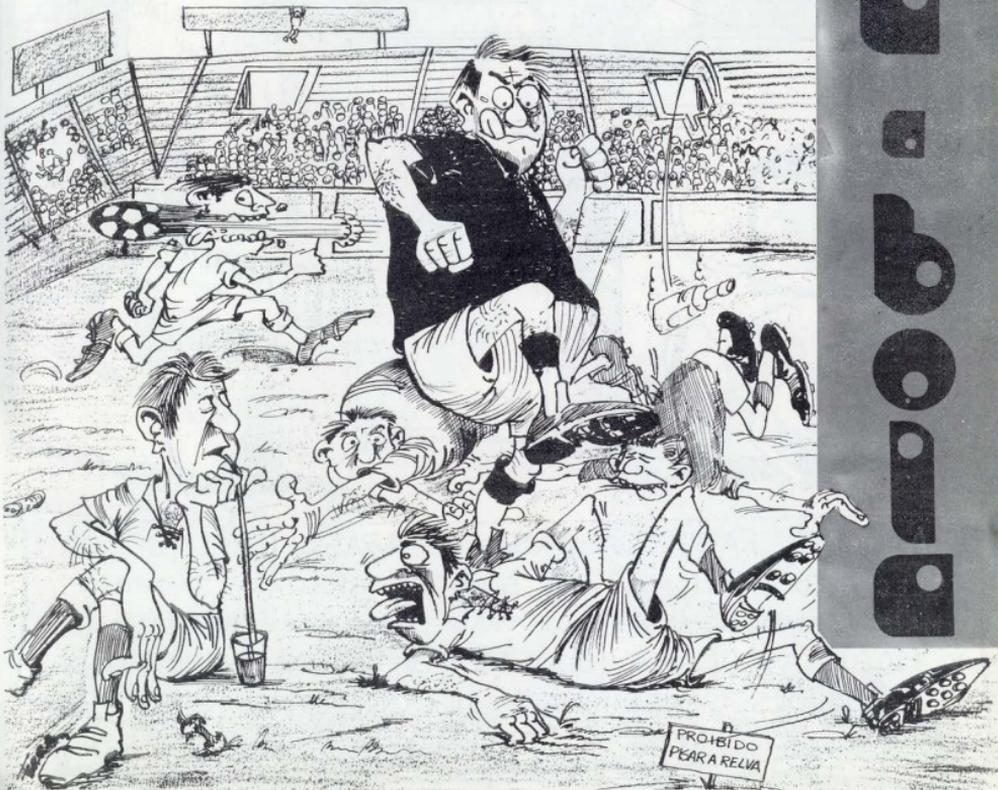
teiro, parece que diminui no futebol. Valham-nos os senhores da Luz... aguentem-se rapazes!

Bom, é preciso não esquecer o Porto que parece que ainda nem sequer começou a mostrar o seu jogo todo. E que ainda vai mostrar muita coisa. Poça, canudo!

É verdade, com a instabi-

para vinte ou trinta clubes. Vocês já viram que mais jogos com mais milharucos davam mais resultados de cabazadas, e que assim a gente tinha a certeza de tornar a ganhar a bota de ouro? E pelo preço que o ouro está... valia a pena!

É que com o Eusébio a descansar, e o Yazalde a atrazar-se a gente este ano se calhar não a ganha...



SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"